

Padecimento humano: uma proximidade humanizada

Paulo Henrique Laurêncio¹

Resumo: Diante do sofrimento do doente, há muitas tentativas de tornar o momento menos pesado. Profissionais da saúde ou ministros religiosos, ao visitarem os adoecidos, fazem afirmações que muitas vezes reforçam mentalidades que associam o sofrimento a uma punição ou vontade divina. Por meio de pesquisa bibliográfica, busca-se aqui, a partir da obra da teóloga Dorothee Sölle, mostrar que empatia e compaixão, dentro da concepção cristã, é caminho mais eficaz na acolhida do padecente, evitando afirmações que beiram o sadismo teológico.

Palavras-chave: Sofrimento. Apatia. Proximidade. Teologia. Dorothee Sölle

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa que trabalhou o padecimento humano a partir do olhar de profissionais da saúde e outras pessoas que mantêm proximidade com doentes em situações críticas de saúde. Assim, tem por objetivo oferecer uma reflexão desenvolvendo um ponto essencial destacado da pesquisa principal, a saber, a aproximação e formulações feitas por profissionais da saúde e ministros religiosos quando vão visitar pessoas adoecidas. Isso se mostrou necessário já que os próprios profissionais reconhecem que, diante do sofrimento dos pacientes, sentem dificuldade de ajudá-los além do seu saber técnico. E mesmo os religiosos, majoritariamente cristãos, costumam emitir comentários referentes à experiência de sofrimento de seus assistidos com sérias consequências teológicas e existenciais. Por isso, este artigo, mais que respostas, deseja trazer uma reflexão sobre esse tema para ajudar que essa aproximação tão cara aos adoecidos seja o mais humanizada possível. Para isso, elegemos, dentre os autores presentes na pesquisa, a colaboração de Dorothee Sölle, a partir de seu livro *Sofrimento*, para desenvolver este trabalho.

Quanto ao método, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, feita a partir da teóloga alemã Dorothee Sölle, já que seu pensamento se mostra bastante relevante e atual, apesar de ter sido escrito há algumas décadas. Para ajudar a contextualizar melhor alguns casos pertinentes ao tema, como, por exemplo, a percepção dos profissionais da saúde, teremos como referência pontual também outras publicações consultadas no decorrer da pesquisa.

E para que sejam atingidos seus objetivos, o trabalho será dividido em três partes. Em um primeiro momento, o problema em questão será apresentado com mais detalhes para favorecer sua contextualização. Em seguida, a partir de Dorothee Sölle, serão trabalhadas as dificuldades de formulação do sofrimento e as questões teológicas que a envolvem. E por fim, a partir da mesma autora, buscar oferecer propostas de uma aproximação mais humanizada de pessoas padecentes.

¹ Formado em direito, pela Faculdade Dom Hélder e em filosofia, pelo ISTA. Graduando em teologia pela FAJE. Bolsista do PIBIC (CNPq). E-mail: paulolaurencio@yahoo.com.br

1 O DESAFIO DE TESTEMUNHAR A DOR

Como se pode constatar em muitas culturas, também no caso de nossa cultura cristã ocidental, e como é apontado por diversos autores, não é raro a tendência de se associar o padecimento humano, inclusive a partir de um sofrimento físico devido ao adoecimento, a uma falta ou pecado. David Le Breton, especialmente em sua obra *Antropologia da Dor*, ajuda-nos em vários momentos a perceber como as culturas, cada uma ao seu modo, muitas vezes tendem a vincular o sofrimento a falta cometida (LE BRETON, 2013). Dentro do mistério do mal no mundo, que sempre desafiou tradições religiosas e pensadores a buscarem uma resposta, essa realidade nos desafia existencialmente também a partir do adoecimento.

Dentro do processo de elaboração da dor, que mais à frente veremos a partir de Dorothee Sölle, existe o momento em que o paciente se pergunta por que razão, dentre tantas possibilidades e pessoas, isso acontece exatamente a ele e daquele modo. E outros muitos questionamentos se seguem até o fim da experiência, que pode se dar com a morte (SÖLLE, 1996, p.161-162). Diante do doente e de suas perguntas tão graves, encontram-se muitas vezes os profissionais da saúde e também ministros religiosos, sejam eles ordenados ou não.

Acontece que, seja pela falta de formação do profissional, cujo despreparo é percebido pelo que falam ou mesmo deixam de falar (SILVA, 2016, p.2-4), seja por causa do tipo de formação do ministro religioso, esse momento tão fundamental do processo terapêutico da pessoa acometida fica comprometido ou mesmo mutilado. Isso se dá porque, embora a elaboração seja feita pela própria pessoa que sofre, a presença humana nesse momento faz imensamente a diferença. As testemunhas, como uma presença qualificada, nesse momento em que o sofredor vai ao encontro de significado, ainda que sem uma resposta racionalmente sistematizada, pode favorecer o processo de elaboração do doente, desde a fase de isolamento e mudez até a fase de transformação e aprendizado (SÖLLE, 1996, p. 82-83). Até mesmo, porque “tornar-se forte na dor vem a ser adquirir a força daqueles que se fizeram solidários” (SÖLLE, 1996, p 54), souberam e tiveram a oportunidade de fazer essa experiência de com-padecimento.

Qual o problema então? O grande problema com o qual fomos nos deparando durante a pesquisa e sobre o qual bem nos ajuda a refletir Sölle, é que, além de certo silêncio (num sentido negativo, de ficar estático e conformista), a grande maioria das formulações dentro de nosso contexto esbarra em um cristianismo que lida com o sofrimento numa perspectiva dolorista ou mesmo com uma visão sádica de Deus (SÖLLE, 1996, p. 9).

Na tentativa de se dar uma resposta àquele sofrimento vivenciado, às vezes a partir do próprio doente, mas reforçado por seus acompanhantes no leito de um hospital, respostas como “é Deus que assim quer”, “é preciso sofrer para entrar no céu”, ou como os amigos de Jó afirmando “você deve ter feito algo errado para estar nessa situação!”, vão ganhando espaço. E aqui nos perguntamos se não seria possível uma elaboração, religiosa e humanamente, mais saudável e que valorize o ente sofredor e o momento vivido, positivamente. Mas antes de

buscar algumas luzes, queremos desdobrar um pouco mais esse tipo de teologia, considerando o pensamento da teóloga alemã Dorothee Sölle.

2 A VISÃO “CRISTÃ” DO SOFRIMENTO

Assim como acontece em boa parte do ocidente, nossa sociedade é majoritariamente cristã e carrega consigo virtudes e vícios dessa tradição adquirida no correr dos séculos. Deste modo, muitas de nossas elaborações sobre as grandes questões da vida passam por uma visão marcadamente judaico-cristã. A dificuldade é que a própria visão cristã sobre muitos elementos acabou sendo deturpada por diversos motivos no decorrer da história, e por isso, hoje, é preciso muitas vezes purificar certas ideias. Isso acontece no que se refere à visão cristã do sofrimento.

Não se pode negar que um dos eventos mais marcantes e significativos do cristianismo seja de fato a forma como Jesus foi morto e, a partir daí, como os primeiros cristãos deram sentido àquele tipo de morte, tão violenta. Sölle chega a dizer “que a religião cristã expressa uma incomensurável afirmação do sofrimento, mais forte do que se consta existir em outras cosmovisões, em cujo centro não se encontra o símbolo da cruz” (SÖLLE, 1996, p.115). Se não se pode, por um lado, ignorar a cruz que reside em lugar central no cristianismo, por outro lado, uma leitura pouco atenta acabou nos levando a tradições doloristas e cheias de conformismos. Dorothee Sölle nos ajuda a refletir, para evitar um masoquismo que acha que quem salva é o sofrimento e não o amor para o qual essa cruz aponta. Em sua crítica ao masoquismo cristão, um dos temas de seu livro *Sofrimento*, ela afirma que:

no entanto a cruz não é nem um símbolo a manifestar o vínculo de Deus Pai com seu Filho, nem um símbolo do masoquismo, ou do qual o sofrimento teria necessidade para certificar-se do amor. É sobretudo um símbolo da realidade. O amor não precisa da cruz, porém de fato vai ele dar na cruz (SÖLLE, 1996, p.169).

Interessante que, se a autora nos ajuda a ler melhor certa tendência masoquista no modo como muitos cristãos leem sua própria história de dor a partir da dor e sofrimento de Jesus, ela também parece pesar mais a respeito do que muitos teólogos fazem reforçando essa visão, promovendo um verdadeiro sadismo. Ela inclusive acrescenta que

inúmeras são as tentativas religiosas de interpretar o sofrimento. A problemática reside menos na interpretação existencial do sentido dado pelas pessoas às suas dores do que na sistematização teológica posterior, desrespeitosa para com o sofrimento, que ainda não recebeu designação e classificação (SÖLLE, 1996, p.28).

Ao passar à crítica do sadismo teológico, Dorothee Sölle nos ajuda a aprofundar o tipo de elaboração que muitas vezes é feito à cabeceira de um doente no hospital. A formulação de um certo masoquismo vivido numa perspectiva existencial pelo doente se torna

extremamente danosa quando propagada de forma sistemática, como visão teológica, já que traz em cena um Deus sádico que goza com o sofrimento do sofredor (SÖLLE, 1996, p.30). E nessa linha, ela ainda afirma:

não se pretende sugerir que o sadismo teológico contenha diretrizes de comportamento. Certamente, contudo, inicia pessoas em esquemas mentais que têm como normal o comportamento sádico e nos quais é adorado, reverenciado e amado um ente cujo radicalismo, intencionalidade plena e dureza máxima envolve a destruição. A consequência extrema do sadismo teológico é a adoração do carrasco (SÖLLE, 1996, p.35).

Vamos vendo, no entanto, que o Deus de Jesus tinha um lado, e esse lado não era o dos algozes. Por isso, determinados esquemas de pensamento, doloristas e sádicos, tão presentes nos hospitais e ambientes em que padece o ser humano, precisam ser revistos e purificados. Mas vale ainda trazer um elemento fundamental nessa dinâmica de relação com o sofrimento. Se há, de um lado, um modo masoquista de se encarar o sofrimento na vida, há também uma outra forma muito atraente nos dias de hoje e mesmo com o auxílio da biomedicina, que é a busca de se afastar a todo custo de qualquer tipo de sofrimento.

É fundamental trazer essa reflexão considerando a importância das relações humanas na vivência do padecimento, e a fuga completa de todo sofrimento leva à triste realidade da apatia. Dorothee Sölle chama a atenção ao fato de que essa forma de lidar com o sofrimento, apática, leva a uma insensibilidade com o próprio padecimento e consequentemente à incapacidade de perceber o sofrimento dos outros (SÖLLE, 1996, p. 48-49). A autora aprofunda a questão a partir da visão de Deus que, para muitos, é um Deus incapaz de sofrer, e se faz insensível aos clamores dos seres humanos. Essa concepção leva ao homem mudo, que tem seus desejos mais profundos reduzidos ao silêncio (SÖLLE, 1996, p. 84-86). Embora esteja em completa desconformidade com o Deus bíblico, que é um Deus apaixonado, o Deus apático ganhou espaço no mundo cristão:

a crítica da apatia pós-cristã seria incompleta se silenciasse sobre toda uma longa preparação de apatia cristãmente ensaiada e teologicamente fundamentada. Embora a censura que mais comumente se faz ao cristianismo tenha por alvo sua impregnação masoquista e a sua apoteose ao sofrimento inevitável, é admissível que a censura da apatia que se poderia denominar ‘cristianismo sem dor’ se aplique mais propriamente aos dias de hoje (SÖLLE, 1996, p. 50-51).

A apatia pós-cristã acima apresentada, juntamente com a concepção masoquista do sofrimento e certas formulações sádicas nos ajudam a compor algumas das mentalidades que dificultam a proximidade humanizada junto à pessoa padecente. Isso acontece porque as principais testemunhas do sofrimento da pessoa doente não estão alheias às influências de tais mentalidades que constantemente nos rodeiam. É nessa perspectiva que, como último

passo de nossa reflexão, ainda a partir do pensamento de Dorothee Sölle, gostaríamos de oferecer possibilidades que nos ajudem a encontrar equilíbrio dentro de um tema tão presente e ao mesmo tempo tão desafiador.

3 EMPATIA E SOLIDARIEDADE NO SOFRIMENTO

A partir do que foi apresentado, fica evidente que na perspectiva do padecimento humano ao menos dois pontos precisam ser considerados para que se possa fazer um caminho mais humanizado. Um primeiro ponto se refere ao afastamento da sistematização sádica, esta que tira o humano do centro e apresenta um Deus que parece querer o sofrimento, e que leva ao desejo de sofrimento por parte da pessoa como caminho necessário de salvação. O segundo é que na vivência do padecimento, a apatia se mostra completamente em desacordo com o processo de humanização, pois faz as pessoas insensíveis, cegas e a mudez impede toda e qualquer formulação rumo ao sentido e à transformação. É a partir, basicamente, desses dois pontos que gostaríamos de oferecer luzes para os desafios que apresentamos.

Assim, em um primeiro momento, abandonando a imagem do Deus sádico, é preciso que as pessoas que se colocam ao lado dos padecentes sejam capazes de favorecer uma visão mais honesta de Deus, do Deus de Jesus. E este não está nunca do lado do carrasco. Dorothee Sölle nos recorda que, no patíbulo, o Deus de Jesus se faz vítima com as vítimas (SÖLLE, 1996, p. 153). Sölle faz questão de evidenciar, inclusive, a perspectiva afirmativa que o cristianismo tem da vida, com um Deus amante da criação. Daí que a aceitação nesse contexto passa longe do conformismo próprio da apatia, mas antes se refere a esse sim dado por Jesus inclusive à vida padecente, enferma, frágil. O sim à vida assume suas dimensões integralmente, e nessa linha, afirma ser

uma tentativa de visualizar a vida toda como plena de sentido e configurá-la como felicidade. É afirmação infinita de verdade finita. O Deus que é amante da vida não quer o sofrimento dos homens, também não como meio pedagógico, e sim a sua felicidade (SÖLLE, 1996, p. 116).

Depois, vencidas as elaborações que tenham Deus como aquele que ame o sofrimento, e que a partir daí leve a uma dinâmica masoquista para agradar esse tal Deus, é preciso também oferecer uma resposta à tentadora ideia de abolir todo o sofrimento. Deus não é sádico e nem apático, não é surdo aos clamores humanos nem quer que o sofredor se aniquile na mudez e no isolamento. Então, pode-se trilhar um caminho, compartilhado, solidário, de aprendizagem com o sofrimento, e não de completa negação. “O sofrimento agudiza a sensibilidade para a dor do mundo. É capaz de ensinar-nos a implantar um amor aprimorado, extensivo a tudo quanto existe” (SÖLLE, 1996, p. 132).

E vale destacar que, já no início de sua obra *Sofrimento*, Dorothee Sölle chama a atenção para o fato de que não são as pessoas inatingíveis e inabaláveis que oferecem a mão diante do sofrimento social, diante do sofrimento dos outros; não são os imunes que atuam diante do

padecimento. Ela diz isso exatamente porque a apatia, essa incapacidade para o sofrimento, torna insensível, mata a capacidade humana de gerar transformação (SÖLLE, 1996, p. 10). E por isso ela afirma, não ao Deus da apatia pós-cristã, mas sim àquele que se faz vítima com as vítimas, pois

são precisamente aqueles que experimentam a força dos fracos no sofrimento que integram o sofrimento em sua vida, cuja meta mais alta já não é passar pela vida sem sofrimento; são precisamente eles que estão aí para os outros, para aqueles que inadvertidamente passaram a ser crucificados numa vida sem sentido (SÖLLE, 1996, p. 154).

O resgate do Deus cristão faz encontrar, inclusive nas Sagradas Escrituras, um Deus apaixonado, que se comunica e se implica, um Deus encarnado na história humana. Assumindo a realidade de fragilidade e de vulnerabilidade, descobre-se a força transformadora através do padecimento. Trata-se da vitória sobre o isolamento e da abertura daqueles que se fortaleceram por causa da solidariedade, da capacidade de com-padecimento.

CONCLUSÃO

Contudo, diante do sofrimento presente na vida das pessoas, permanecemos incapazes de dar uma resposta categórica sobre a verdade e a causa de tudo. Isso, porém, nem nos permite o fechamento em atitude de mudez e, muito menos, partir para afirmações inconsequentes que desconsideram a dignidade humana desse processo humanizante que é o padecimento.

Considerando o quanto é humana a capacidade de padecer, em oposição à apatia, e o quanto o Deus cristão assumiu a humanidade, as testemunhas do processo de padecimento de pessoas enfermas, sejam elas profissionais da saúde ou ministros religiosos, precisam ter essa consciência presente. A afirmação da vida, a aceitação não conformista do sofrer, a solidariedade apontam caminhos, ainda que o sofrimento permaneça um mistério.

O sofrimento, longe do sadismo, pode ensinar a força do amor, e as testemunhas do que vive o adoecido num leito de hospital, por exemplo, podem tornar esse processo um caminho marcado por uma presença cheia de empatia e compaixão. Essas presenças junto ao doente podem favorecer o adoecido, ainda que o processo de elaboração da dor e do sofrimento seja intransferível, a ir passando do estágio de isolamento e mudez para o questionamento e enfim à expressão transformadora, muitas vezes identificáveis na oração essencialmente dialogal.

REFERÊNCIAS

LE BRETON, David. *Antropologia da dor*. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

SILVA, Brener Santo et al. Percepção de equipe de enfermagem sobre espiritualidade nos cuidados de final de vida. *Cogitare Enfermagem*, v. 21, n. 4 (2016). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/47146> Acesso: 24/07/2022.

SÖLLE, D. *Sofrimento*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. Tradução de Antônio Estevão Allgayer.